

Caros Espectadores,

Devido às medidas de segurança sanitárias, o acesso a todas as salas do festival sofrerá algumas alterações. Pedimos a compreensão de todos para a necessidade de cumprimento de todas as normas.

- 1 – Nos espaços com área de acolhimento reduzida, a entrada só poderá fazer-se na altura de abertura das portas das salas. Devirão pois esperar no exterior a abertura de portas.
- 2 – Nos restantes espaços, e de forma a não ultrapassar a lotação permitida no bar ou no foyer, apelamos a que a permanência se limite ao estritamente necessário.
- 3 – Agradecemos que sejam seguidas as normas de circulação sinalizadas ou as que poderão ser indicadas pelos colaboradores que atendem ao bom funcionamento das salas.
- 4 – Apelamos para que seja mantida a distância de segurança entre pessoas, e que todos desinfectem as mãos à entrada, e sempre que tal se justifique.
- 5 – Deve ser respeitada a separação de cadeiras existente nas plateias.
- 6 – O uso de máscara é obrigatório durante a permanência em espaços interiores.
- 7 – A saída das salas deverá começar pela fila mais próxima da porta de saída.

O Festival garante a higienização de todos os espaços segundo as regras estabelecidas.

CÓDIGO QR DO PROGRAMA DO FESTIVAL DE ALMADA



37.º FESTIVAL de almada

03-26 de JULHO 2020



Imagem: Pedro Proença

TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO
(Porto, Portugal)

Castro

De **António Ferreira**
Encenação de **Nuno Cardoso**



Teatro Municipal Joaquim Benite
Sala Principal (Almada)

De Qui. **9** a Dom. **12**
(em horário diferenciado – consultar Programa)

Duração: 2h
Classificação etária: M/12

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

CENOGRAFIA

F. Ribeiro

FIGURINOS

Luís Buchinho

DESENHO DE LUZ

José Álvaro Correia

SONOPLASTIA

João Oliveira

VÍDEO

Fernando Costa

VOZ

Carlos Meireles

MOVIMENTO

Elisabete Magalhães

DRAMATURGIA E ASSISTÊNCIA DE ENCENAÇÃO

Ricardo Braun

INTERPRETAÇÃO

Afonso Santos

Joana Carvalho

João Melo

Margarida Carvalho

Maria Leite

Mário Santos

Pedro Frias

Rodrigo Santos

“CENTRADA, POLITIZADA, CONCRETA”

Que me fascina em *Castro* é a absoluta cegueira de toda a gente. Todos estão profundamente convencidos de que têm razão. Isso leva a uma desgraça. Também me fascinou o tom melodramático e não trágico da peça. Obviamente, há uma húbri de todas as personagens que produz essa cegueira, que ultrapassa a fortuna ou o destino português do século XVI. Isso é o motor de todas as tragédias. Mas esta tragédia sempre me pareceu muito centrada, muito politizada, muito concreta. Não é uma explosão como a do Ajax, que o leva a chacinhar um exército que afinal é de ovelhas, e que tem uma dimensão patética, conduzindo-o ao suicídio. É uma coisa muito portuguesa, e que se resume, por um lado, à nossa vontade de sermos sempre livres e cativos; e, por outro, é uma espécie de preconceito surdo que nos faz dizer que o povo português é aparentemente tranquilo. E não é.

Castro pareceu-me a escolha óbvia para iniciar a programação do Centenário do Teatro São João, para testar a capacidade criativa de uma companhia quase residente. Pareceu-me necessário, enquanto projeto criado pelo Teatro Nacional que vai andar em digressão pelo país inteiro. E, acima de tudo, pela dificuldade do texto. Tudo isso me aguçou a vontade. É o reconhecimento da palavra e da necessidade de voltar a trazê-la para o repertório e para uma geração que agora tem 20 anos, que sofreu *Castro* no liceu. Essa geração poderá ver as potencialidades que o texto tem agora, a maneira como poderemos pensar-nos.

Há uma tradição portuguesa que liga a nossa identidade à nossa casa. Essa ideia de identidade reflecte o que cada pessoa pensa de si enquanto cidadão. Não é por acaso que um dos estilos arquitectónicos portugueses, centrado não na monumentalidade dos edifícios mas na casa familiar, é chamado “português suave”, expressão bastante perversa. E não é por acaso que uma das dimensões que usamos para classificar a forma como a sociedade se organiza e estratifica passa por saber onde são as casas de quem. As casas da Comporta, as casas de Moledo, as casas do Gerês, a casa moderna, a casa recuperada. Foi em cima disso que começámos a trabalhar *Castro*.

Esta é uma das peças em que mais arrisco, porque levo o texto mesmo muito a sério. Porque saio da minha zona de conforto, que é uma zona de distanciamento, de manipulação, às vezes irónica. Aqui não faço isso. E seria muito fácil, para um encenador contemporâneo, ironizar com aquela emocionalidade. Decidi que a ela me entregaria totalmente, que não me distanciaria. Acredito que o amor é para sempre.

Nuno Cardoso

Director artístico do Teatro Nacional São João.

Excertos de «O Portugal-país e o Portugal-indivíduo», entrevista concedida a Helena Teixeira da Silva, publicada no Manual de Leitura do espectáculo.

(edições do TNSJ)